



## UMA ANÁLISE PSICOLÓGICA DO DUPLO EM CECÍLIA MEIRELES

Amanda Rosa de Bittencourt<sup>1</sup>

### Resumo

À medida que avançamos nas nossas leituras dos grandes autores, percebemos que o tema do duplo foi constantemente abordado e trabalhado por escritores ilustres, inclusive a brasileira Cecília Meireles. O duplo caracteriza-se pela concentração de mais de um ser, dentro do mesmo ser, o mesmo unificado com o outro, como duas existências dentro da mesma vida. A questão da duplicidade pode ser verificada a partir do conceito de Individuação da psicanálise junguiana, que examina a relação eu-outro como sendo a mesma pessoa atrelada a ideias contraditórias, mas também complementares. Nesse trabalho, pretendemos analisar os poemas *Retrato* e *Cântico VI*, presentes, respectivamente, nos livros *Viagem* e *Cânticos*, trabalhos escritos em fases diferentes de sua vida, considerando como as temáticas do duplo unidas às considerações da psicologia são colocadas nos poemas.

**Palavras-chave:** Cecília Meireles. Duplo. Psicologia.

### 1 Introdução

Em diversos campos de estudos, como a história, a literatura, a arte ou a mitologia, está presente o simbolismo do duplo. Ele tanto revela quanto amedronta quem com ele se depara, e por esse motivo surgiu em distintas construções imagéticas, como no mito de Narciso e de Pigmalião, nos escritos de Platão, na literatura romântica com Goethe, Poe e Maupassant, e também em escritores brasileiros como Machado de Assis. Pela repetição dessa temática ao longo dos séculos, o homem demonstra a necessidade de conhecer a si mesmo intimamente, o tema da duplicidade humana emociona-nos de tal maneira que é quase impossível ficar alheio às suas investidas.

A explicação do significado de duplo condiz com a sua denominação: são dois seres ou duas imagens do si mesmo. Para entendermos o que duplo significa profundamente, podemos utilizar os preceitos teóricos trabalhados na psicologia. Nela, o “ver-se” é essencial para o desenvolvimento da personalidade, porque para entender quem somos, precisamos averiguar a identidade que criamos. Esta só será identificável, como diz Nascimento (s.d.), pelo confronto com a máscara (persona) que indicamos por meio de nossas personagens e através do diálogo com a sombra que camuflamos sob esta máscara.

<sup>1</sup> Acadêmica de sexto semestre do curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. E-mail: [amanda.bitti@hotmail.com](mailto:amanda.bitti@hotmail.com). Orientada nesse artigo por Lígia Sávio, professora doutora do curso de Letras da Faculdade Porto- Alegrense – FAPA. E-mail: [ligiasavio@fapa.com.br](mailto:ligiasavio@fapa.com.br).

Como colocamos anteriormente, muitos escritores mundiais trabalharam com a temática do duplo em suas obras, e um deles foi Cecília Benevides de Carvalho Meireles, vulgo Cecília Meireles. Poeta e professora brasileira, nasceu em 7 de novembro de 1901 no Rio de Janeiro e faleceu, na mesma cidade, no dia 9 de novembro de 1964. Ganhadora de inúmeros prêmios literários, a autora é considerada como uma das melhores poetisas do país. Desenvolveu sua obra expressando a subjetividade através de temas ligados à eternidade, à efemeridade e à espiritualidade.

Para realizarmos nossa abordagem sobre o duplo em Cecília Meireles, utilizaremos as teorias da psicologia analítica, mais especificamente o conceito de individuação de Carl Gustav Jung. Como explica Nascimento (s.d.), durante o procedimento da individuação ocorre o progressivo desenvolvimento psicológico do indivíduo à procura de si mesmo. Essa busca só se dará pela confrontação bem-sucedida entre a persona e a sombra, compreendendo o modo como a pessoa apresenta-se socialmente e como o seu inconsciente organiza-se simbolicamente. O consciente, retratado pela persona, e o inconsciente, retratado pela sombra, podem ser integrados na identidade; para tanto, o processo da individuação realiza a união entre esses pontos conflitantes na nossa psique. O tema do duplo pode ser visto sob esse viés ao refletirmos na relação eu-outro como um **diálogo interno**, promovendo o seu autoconhecimento, situação presente na literatura de Cecília.

Não realizaremos neste artigo uma análise da obra completa de Cecília Meireles devido à amplitude de sua produção literária, pois exigiria um trabalho muito mais extenso do que o que pretendemos aqui. Por este motivo, escolhemos os poemas *Retrato* e *Cântico VI*, presentes, respectivamente, nos livros *Viagem* e *Cânticos*; que trazem a temática central de forma significativa, na tentativa de estabelecer as relações entre o duplo e as teorias da individuação.

## **2 A relação eu-outro: o conceito de duplo**

A dualidade, a cisão, a divergência, ou a antítese remetem, em termos de imaginário, ao elemento chamado de duplo. Segundo Bravo (1998), o termo mais famoso viria do alemão *Döppelgänger*, que significa “aquele que caminha do lado” e “companheiro de estrada”. A autora escreve que o mito do duplo aparece na mitologia germânica, na mitologia colombiana, na mitologia egípcia, na mitologia grega, e também no judaísmo e no cristianismo. Outros autores romanos e medievais também trabalharam o assunto, até que o duplo teve o seu auge no movimento literário romântico do século XIX, através de escritores como Wilde e Stevenson. Rosset (2008) comenta que o caso do duplo psicológico foi

extensamente revisto na literatura através do desdobramento da personalidade das personagens.

Chevalier e Gheerbrant (1991) afirmam que o número dois é o símbolo da oposição e do conflito e indica o comedimento ou o desequilíbrio, sendo a primeira e mais radical das divisões ocorridas que origina todas as demais; é o dígito das ambivalências e dos desdobramentos. O simbolismo da cifra expressa uma rivalidade e uma reciprocidade, tanto de ódio quanto de amor, e anuncia uma oposição que pode ser antagônica e incompatível quanto complementar e fecunda. Na citação abaixo verificamos como a cisão da personalidade é relacionada à simbologia do número dois:

Como todo progresso não se opera senão por uma certa oposição, ou, pelo menos, pela negação daquilo que se quer ultrapassar, dois é o motor do desenvolvimento diferenciado ou do progresso. Ele é o outro enquanto que outro. Da mesma forma, se a personalidade se afirma opondo-se, como já foi dito, dois é o princípio motor da individualização. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1991, p. 346).

Conforme Bravo (1998), os estudos que compreendem os componentes principais envolvidos no conceito de duplo são as áreas da psicologia com autores como Kepler, Rank e Jung. A princípio, esse tema se refere à existência de um “outro”, que duplica a existência do sujeito, desdobrando o “eu” em mais de um. Nesta perspectiva, podemos entender o duplo como uma mimese do “eu” que se destaca e se autonomiza. A partir do desdobramento do “eu” original, a cópia se individualiza adquirindo existência própria. Sendo assim, a “imitação” do “eu”, após o seu surgimento, criou sua própria identidade e já não detém a mesma essência, tornando-se o “outro”.

Kepler (1972 apud BRAVO, 1998, p. 263) explica que o “outro” é idêntico ao original, e diferente ao mesmo tempo, podendo ser até mesmo o total oposto do “eu”. Um paradoxo interior e exterior, contraditório e complementar, que provoca no “eu” original, reações emocionais extremas, como o fascínio ou a aversão a seu “outro”. Podemos relacionar essa análise a uma crise de identidade, pois vemos que a identificação do “eu” com o “outro” reflete um conflito interior criando a necessidade de entender a si mesmo. Essa inquietude desconfortável de querer saber quem o “eu” é como indivíduo desequilibra suas emoções e provoca uma divisão na sua personalidade.

Otto Rank (1939) relaciona em seu livro *O Duplo*, os aspectos deste em autores literários que escreveram sobre o assunto, além de explicar conceitos históricos sobre a criação do duplo na humanidade. O autor explica em seu livro que o homem criou a dupla personalidade como defesa, pois precisava de subsídios para entender a morte, já que não conseguia suprimi-la do seu cotidiano. O duplo tornou-se o símbolo da imortalidade espiritual. Os povos primitivos criaram a ideia de “alma” justamente para explicar a dualidade humana, que se dividiria em um corpo físico e uma alma espiritual, sendo que a

duplicidade seria a ligação implícita entre o “eu” terreno e o “eu” espiritual. A crença na existência da alma seria oriunda do medo da morte. A autora Bravo (1998) explica abaixo a relação do duplo com a morte:

Mas o duplo está ligado também ao problema da morte e ao desejo de sobreviver-lhe, sendo o amor por si mesmo e a angústia da morte indissociáveis. Visto sob essa perspectiva, o duplo é uma personificação da alma imortal que se torna a alma do morto, ideia pela qual o eu se protege da destruição completa, o que não impede que o duplo seja percebido como um “assustador mensageiro da morte”, do que a resulta a ambivalência de sentimentos a seu respeito (interesse apaixonado/terror): ele é ao mesmo tempo o que protege e o que ameaça. (BRAVO, 1998, p. 263).

O conceito da dualidade transcende a lógica condicionada, indo além da visão cientificista e única da realidade atual, e abrange a subjetividade, não apenas na arte escrita, mas também nas artes plásticas e na arte cinematográfica. A subjetividade é extensamente trabalhada na teoria junguiana, pois as emoções e os sentimentos são as expressões inconscientes do sujeito. Kepler (1972 apud BRAVO, 1998, p. 263) afirma que a base da psicologia de Jung é a integração da personalidade e que o duplo é uma parte não internalizada do “eu”, por isso o caráter de proximidade e antagonismo com a psique. Jung divulgou suas próprias impressões sobre o assunto, ampliando as ideias da psicologia tradicional com a teoria chamada de **Individuação**.

### **3 A sombra e a persona: entendendo a ideia de individuação**

O tema do duplo detém uma variedade de significações pela sua vasta simbologia e os seus diversos campos de atuação. Na psicologia, o duplo é trabalhado, direta ou indiretamente, através dos conflitos psicológicos existentes nos sujeitos. A psicologia analítica relata a questão dúbia da personalidade através dos conceitos de inconsciente e consciente, sendo que essa percepção só ocorre através dos usos do simbolismo. A partir daí, ambos os aspectos psicológicos podem relacionar-se, desenvolvendo-se mutuamente. A ideia de individuação proposta por Carl Gustav Jung trata desse tema, o alinhamento entre consciente e inconsciente, que pode ser construído pelos símbolos que esses reconhecem.

Em seu trabalho, Jung (2000) escreve que a consciência não alcança a totalidade da psique; o homem não é consciente de tudo que acontece com ele e com os outros ao seu redor, pois inúmeros acontecimentos ocorrem em um estado de semiconsciência ou de inconsciência, afinal, “o pensar”, as funções psíquicas, existiam muito antes do ser humano comentar “eu tenho consciência de que penso.” E é somente através dos processos inconscientes que expandimos os nossos conceitos, ampliando as nossas perspectivas e mudando os nossos padrões repetitivos. Porém, esse lado obscuro não está associado ao lado consciente constantemente, porque interagi-los é uma escolha pessoal e intransferível.

Essa disparidade entre os dois, com o passar do tempo, se transforma em uma limitação para o desenvolvimento psicológico, pois, já que a substância inconsciente não é apreendida pelo indivíduo consciente, este se vê perdido entre as apreensões de quem realmente é e o que deseja da vida.

Conforme Nascimento (s.d. apud JUNG, 1984, p. 8), Jung diz que uma das maneiras de superar a disparidade da relação consciente/inconsciente está no diálogo entre o eu exterior e o eu interior, buscando um si mesmo real, como um sujeito completo. Essa possibilidade só pode ocorrer na investigação do segundo “eu” pelos símbolos manifestados no lado inconsciente do indivíduo. As duas representações, analisadas como uma unidade indivisível, Jung (2000) nomeou de **processo de individuação**.

Segundo Jung (2000), a individuação consiste, objetivamente, em assimilar o consciente e o inconsciente. Franz (1964) escreve que esta metodologia ocorre naturalmente em todo ser humano de forma espontânea, já que isso é inato em sua capacidade construtiva; no entanto, o processo de individuação só será verdadeiro se o sujeito estiver consciente da sua ocorrência. A autora ainda diz que é preciso muita coragem para enfrentar as dificuldades de interagir conscientemente com o inconsciente, e que muitos indivíduos são demasiados indiferentes e temerosos para promoverem a reflexão necessária sobre as suas aparências internas. Portanto, para a psicologia junguiana, ser um indivíduo único é justamente compreender todos os aspectos relevantes sobre si mesmo, combinando o seu lado consciente com o seu lado inconsciente.

De acordo com Franz (1964), a harmonização do consciente com o inconsciente impõe um dano à personalidade aparente, acompanhada da natural angústia e sofrimento, porque refletir sobre ideias que, inconscientemente, foram escondidas, implica rever conceitos e padrões preestabelecidos socialmente e individualmente. Como diz Jung (2000), consciência e inconsciência não compõem uma totalidade quando um é contido e anulado pelo outro, pois possuir sentimentos dúbios realiza um desdobramento do “eu”, obtendo consequências emocionais. A ocorrência de um lado obscuro dentro de nós indica a carência de algum aspecto significativo que precisamos preencher, e para verificarmos qual ponto está escondido, necessitamos de sinceridade nas nossas escolhas conscientes. O objetivo do processo de individuação é a promoção de subsídios para a internalização do nosso “eu” e do nosso “outro”. A efetivação desse processo consistirá de dois abalos psicológicos e emocionais: a solicitação de sinceridade dentro da persona e a absorção dos conteúdos reprimidos pela sombra.

A persona, segundo Nascimento (s.d. apud JUNG, 1978, p. 9) é um complexo sistema de analogia entre a consciência individual e a sociedade. Uma “máscara” dedicada por um lado, a infligir um efeito sobre os outros, e por outro lado, a encobrir a verdadeira natureza do sujeito. As máscaras estão caracterizadas pelo comportamento cotidiano, são imagens

impostas por fatores sociais, culturais e muitos outros, que nos condicionam a ser aquilo que esperam que sejamos. O autor explica que por meio da persona, o homem procura identificar-se com algum ideal selecionado, e após essa escolha, ele se esconderá atrás de uma “máscara”, construindo uma identidade de modo a se proteger e ser aceito no meio externo.

Essa aceitação externa força o indivíduo a submeter à obscuridade os seus conteúdos inconscientes, a ponto de escondê-los completamente de si mesmo. Contudo, a culpabilidade não é apenas dele, ao mesmo tempo a sociedade também impõe que esse se comporte dessa maneira, forçando-o a criar uma máscara. Como diz Nascimento (s.d.), esse acordo entre o indivíduo e a sociedade, se instigado ao extremo, pode fazer com que os sujeitos sejam o que imaginam ser para o mundo, compactuando de tal maneira com a sua persona que anulam os seus processos inconscientes. A sua identidade não é mais sua responsabilidade, ela acaba tornado-se uma identidade construída e manipulada por terceiros. A citação abaixo coloca os deveres do indivíduo quanto à sociedade:

Então, Jung (1978, p. 185) comenta que “é importante para a meta da individuação, isto é, da realização do si-mesmo, que o indivíduo aprenda a distinguir entre o que parece ser para si mesmo e o que é para os outros. É igualmente necessário que conscientize seu invisível sistema de relações com o inconsciente”. (NASCIMENTO, s.d., apud JUNG, 1978, p. 10).

Outro aspecto psicológico que reflete a relação eu-outro, além da persona, é a sombra. “A figura da sombra personifica tudo o que o sujeito não reconhece em si e sempre o importuna, direta ou indiretamente, como, por exemplo, traços inferiores de caráter e outras tendências incompatíveis”. (JUNG, 2000, p. 277). A sombra é a imagem do inconsciente, e para entendê-la, é necessário saber que ela não pode ser escondida, pois quando suprimida, se voltará contra nós em alguma ocasião inesperada. Franz (1964) diz que dependerá da nossa atitude se a sombra será amiga ou inimiga.

A autora ainda afirma que quando o inconsciente se revela tanto de forma positiva ou negativa, surge a obrigação (quase necessidade), de readaptar a ação consciente aos termos inconscientes. Pois, quando um sujeito arrisca ver sua sombra, ele fica consciente das intenções e impulsos que não acreditava que existiam em si mesmo, mas que visualizava nos outros, e essa consciência modifica toda a sua visão ideológica. Jung (2008) escreve que durante o reconhecimento da sombra, o sujeito distingue os aspectos ocultos de sua personalidade tais como eles são realmente, sem quaisquer máscaras. A sombra representa as características do ego extremamente individuais que foram escondidos.

A persona e a sombra estão intrinsecamente ligadas no processo de individuação e para alcançarmos todas as facetas da nossa personalidade, precisamos enfrentá-las e incorporá-las conscientemente. Ser um indivíduo em sua totalidade significa questionar a aparência exterior da persona e identificar a forma interior da sombra. Nascimento (s.d.

apud JUNG, 1978, p. 10) escreve que “segundo Jung, o inconsciente nos explica muito melhor do que a consciência nos faz crer quem somos, enquanto indivíduos psicologicamente constituídos entre o individual e o coletivo, entre o exterior e o interior.”

Os dois lados demonstram que o sujeito possui uma dicotomia de natureza contrastante e dialógica, que remete aos conceitos do duplo colocados no capítulo anterior desse artigo. O processo de individuação gera a conversa entre o “eu” e o “outro” dentro de cada um, entre o verdadeiro e o falso ou entre o consciente e o inconsciente, “assim sendo, posso dialogar comigo mesmo, numa conversação psicológica importante para um processo de Individuação.” (NASCIMENTO, s.d., p. 10). Jung (1987) escreve que, antes de realizar o processo de individuação, havia duas esferas separadas, e devido ao confronto ocorreu a união desses opostos no indivíduo. Dessa maneira, podemos analisar a temática do duplo relacionada aos processos de individuação na obra de Cecília Meireles, visualizando-a como uma relação eu-outro à procura de si mesmo, como um “eu” dialogando com um “outro”, sendo, na realidade, o mesmo psicologicamente.

#### **4 Análise dos poemas: *Retrato e Cântico VI***

Como citamos no corpo desse artigo, a temática do duplo, acompanhada das considerações da psicologia junguiana, pode ser aplicada a inúmeras obras dos mais diversos autores. Nessa pesquisa, escolhemos analisar o duplo psicológico em dois poemas de Cecília Meireles: *Retrato* e *Cântico VI*; averiguando como as teorias estudadas prestam-se na interpretação dos poemas. Primeiramente, iremos colocar pontos biográficos da autora, juntamente com explicações a respeito das obras em que os poemas trabalhados estão inseridos. Também consideraremos as questões sobre o duplo e a teoria da individuação nas poesias e compararemos os conceitos descritos.

Desde muito cedo, Cecília teve sua vida marcada pela morte: ela foi a única sobrevivente de quatro irmãos; seu pai faleceu quando ela tinha 3 meses de idade e sua mãe quando ela tinha 3 anos de idade; quem a criou foi a avó materna de descendência portuguesa. Essa próxima passagem coloca a opinião da escritora sobre esses fatos em sua vida: “Minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão. Essa foi sempre a área de minha vida.” (MELLO, 2006 apud MEIRELES, s.d., p. 15).

A partir da fala de Cecília Meireles, constatamos que os temas designados como tristes ou infelizes são vistos diferentemente pela autora, eles deram-lhe o isolamento necessário para usufruir dos conhecimentos da literatura e aperfeiçoar-se como pessoa. Desse modo, Cecília Meireles começou a escrever aos nove anos e lançou o seu primeiro livro em 1918, com apenas dezoito anos. A sensibilidade unida à maturidade da poetisa foi

apresentada no livro de nosso poema de estudo, *Viagem*, publicado em 1938. Obra premiada pela Academia Brasileira de Letras, é composta de cem poemas e consagra Cecília entre os intelectuais e o público. Não obstante, ela publicou diversas obras em vida, tanto adultas quanto infantis, e outras obras póstumas foram lançadas, tais como o livro *Cânticos*, uma coletânea de vinte e seis poemas, cuja impressão reproduz em fac-símile os próprios manuscritos da autora, e o qual possui o outro poema que analisaremos.

Conforme Mello (2006), a simbologia apresentada por Cecília possui um caráter dicotômico, em que relaciona a duplicidade através de polaridades que caracterizam suas dimensões de vida: o plano físico e o plano metafísico. Suas imagens descritas nos poemas propõem uma conversação simbólica entre as ordens da realidade, sugerindo que o ser humano busque uma transcendência do mundo material, para assim tornarem-se seres integrados em uma totalidade. Mello explica suas ideias na citação abaixo:

A concepção do Uno indestrutível, contrapondo-se ao aniquilamento dos entes do mundo físico expressa-se, na poesia de Cecília Meireles, através de pares simbólicos opostos e, como tal, complementares, os quais transmitem a noção de que essa Realidade Absoluta, tanto nos dualismos a presença desses símbolos na poesia de Cecília Meireles está associada a necessidade de encontrar uma significação existencial e uma integração com todos os entes que estão no mundo, transcendendo as limitações do plano material para um inserção na Totalidade. (MELLO, 2006, p. 38-9).

Dessa maneira, podemos interpretar que as obras detêm ambivalências simbólicas, expressando o processo de individuação, em que a importância da inconsciência está reconhecida por essas características. Como registramos no capítulo anterior, a integração da personalidade é o objetivo do processo de individuação: a transformação em seres únicos e conscientes dessa conexão. Nos poemas selecionados, verificamos que existe um duplo psicológico temporal, ou seja, as duas partes psíquicas de tempos distintos que têm necessidade de vincularem-se entre si de forma consensual, reconciliando seus contrários. Entretanto, cada poema possui sua significação singular dos conflitos psicológicos, que analisaremos individualmente.

Para dar início as nossas reflexões teóricas acerca dos poemas de Cecília Meireles, iniciamos com o poema *Retrato*, título que simboliza algo estático, eternizado no tempo:

Eu não tinha este rosto de hoje,  
assim calmo, assim triste, assim magro,  
nem estes olhos tão vazios,  
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,  
tão paradas e frias e mortas;  
eu não tinha este coração  
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,  
tão simples, tão certa, tão fácil:



- Em que espelho ficou perdida  
a minha face?  
(MEIRELES, 1939, p. 21).

O poema, escrito em primeira pessoa, mostra o eu-lírico descrevendo seu próprio semblante, o rosto que ele não reconhece mais como sendo o seu, propondo a temática da transitoriedade da vida, tanto física quanto psicológica. Podemos notar a melancolia do eu-lírico ao fazer essa comprovação no segundo verso, em que a repetição dos adjetivos sugere uma alteração da personalidade consciente, como em “assim calmo, assim triste” (MEIRELES, 1939, p. 21), quanto uma transformação do exterior físico, “assim magro” (MEIRELES, 1939, p. 21). No terceiro verso, ainda na primeira estrofe, a constatação continua acontecendo pela percepção de seus olhos tão vazios e lábio amargo, provavelmente por experiências angustiantes que não são mencionadas.

As mudanças percebidas pelo eu-lírico continuam na segunda estrofe, quando ele descreve as alterações significativas em suas mãos. As mãos detêm a simbologia da coragem e da batalha. No entanto, elas perderam sua eficácia, estão estagnadas e inúteis, e não vão mais atrás de seus sonhos como antigamente. “Eu não tinha estas mãos sem força,/tão paradas e frias e mortas.” (MEIRELES, 1939, p. 21). E o eu-lírico está consciente dessas modificações ocorridas dentro de si mesmo, ele não é mais a mesma pessoa de antes, ele mudou tanto fisicamente quanto psicologicamente. Nesse momento do poema, ele é um “outro” que sofre, pois, como vimos no processo de individuação, a angústia está ligada à descoberta consciente, já que é difícil mudar os padrões inconscientes retirando-os das sombras, ele está transmutando sua persona, interagindo com a sua sombra, de acordo com os conceitos junguianos.

A partir do terceiro verso da segunda estrofe, o eu-lírico refere-se a seu coração, “eu não tinha este coração/ que nem se mostra.” (MEIRELES, 1939, p. 21), o símbolo dos sentimentos que, anteriormente eram expostos, mas agora estão retraídos e camuflados, indicando a luta interna para entender a si mesmo e o medo de transparecer-se para outro. O uso das imagens visuais com as palavras “rosto”, “calmo”, “triste”, “magro”, “olhos”, “lábio”, “mãos”, “espelho”, “face” e as imagens do paladar e do tato em “amargo”, “força”, “parada”, “fria”, “morta”, expõem as mudanças subjetivas do eu-lírico que está desvendando seu lado inconsciente.

Na terceira estrofe, verificamos que o tom melancólico ainda persiste, mas com um sutil tom esperançoso, mesmo com a reafirmação do sentimento de perplexidade por não ter notado a passagem do tempo. A fugacidade do tempo físico é o símbolo de passagem da vida e da morte. A morte está intimamente relacionada com o duplo psicológico, a morte simbólica ou psíquica demanda o falecimento interno das nossas dificuldades. O processo de individuação realiza um “renascimento” simbólico da pessoa, já que se deparar com questões disfarçadas por nós mesmos exige uma atitude diferente do modo condicionado,

destruindo as máscaras construídas e trazendo a luz a sua sombra. Verificamos pelos adjetivos “simples”, “certa” e “fácil” que ocorreu o descobrimento do lado inconsciente pelo lado consciente, e que a crise de identidade foi aceita e internalizada pelo eu-lírico.

Por fim, o retrato é uma das formas de registro do tempo, mantendo a beleza e a juventude, retratando um tempo completamente diferente do atual. Podemos correlacionar com a simbologia do espelho, objeto que reflete o presente; no momento em que se olha, o “outro” é obrigado a deparar-se consigo mesmo. Na poesia, a dualidade passado/presente está presente nessa relação simbólica, mostrando as modificações apreendidas pelo indivíduo. No instante em que o homem se depara com um espelho e com um retrato, ele é forçado a refletir sobre a sua condição e sobre os seus anseios. É o encontro dos mundos problemáticos do sujeito: o interior e o exterior.

No poema *Cântico VI*, Cecília escreve sobre a renúncia, promovendo uma reflexão de que nada permanece para sempre, principalmente a vida. Segue o poema abaixo:

Tu tens um medo:  
Acabar.  
Não vês que acaba todo o dia.  
Que morres no amor.  
Na tristeza.  
Na dúvida.  
No desejo.  
Que te renovas todo o dia.  
No amor.  
Na tristeza.  
Na dúvida.  
No desejo.  
Que és sempre outro.  
Que és sempre o mesmo.  
Que morrerás por idades imensas.  
Até não teres medo de morrer.  
E então serás eterno.  
(MEIRELES, 1990, n.p.)

A poesia trata do desejo da infinitude, do desprendimento material e da maturidade espiritual. Nesse poema, podemos verificar a duplicidade temporal pela expressão das mudanças interiores cotidianas existentes no poema anterior, mas mostrado diferentemente. No primeiro e segundo verso, o eu-lírico afirma que “tu”, o leitor, ou o “outro”, tem medo da morte, e no terceiro verso expõe que durante todos os dias o outro morre mais um pouco, principalmente em sentimentos contraditórios, como amor, tristeza, dúvida e desejo. Emoções diferentes, mas intrinsecamente relacionadas entre si pelas influências sugeridas ao sujeito.

A transformação enfatizada pelo eu-lírico nos versos seguintes em que diz que o outro se renova todo o dia, ou se reconstrói todos os dias pelos mesmos sentimentos que antes repudiava: o amor, a tristeza, a dúvida e o desejo. No processo de individuação, o diálogo realizado pelos lados psicológicos é contraditório e complementar, e nele ocorre a

necessidade de aceitar e “deixar morrer” os lados inconscientes, renovando ou restaurando o seu lado consciente. O medo da morte é o medo da recuperação de tudo que foi oculto pela persona, para enfrentar esses conflitos é preciso uma consciência que ele o sujeito só terá aceitando a sua sombra, como é solicitado no poema.

O fato de serem esses sentimentos antagônicos destaca o simbolismo do poder que eles possuem dentro da personalidade humana: o amor, que é a busca incessante de outro fora de nós mesmos; a tristeza, que é a perda de algo que nos foi tirado contra a nossa vontade; a dúvida, que é a ambiguidade dentro de nós; e o desejo, que é a vontade de possuir algo que não acreditamos que temos. Todos são anseios de fatores externos, os que não visualizamos que existem em nós mesmos e que estão em “outro”.

No décimo terceiro e décimo quarto verso, o eu-lírico coloca a explicação da morte e do renascimento diário, “Que és sempre outro./ Que és sempre o mesmo.” (MEIRELES, 1990, n.p.). A duplicidade está sempre presente, ele deve alcançar seu lado consciente e aceitar as novas propostas do lado inconsciente. O eu-lírico está ensinando ao “outro” que este nunca muda, porém muda o tempo inteiro. Dicotomia abordada nos conceitos de duplo, o “eu” é o mesmo que o “outro”, mas também diferentes.

A partir do décimo quinto verso, ocorrem as reflexões simbólicas que vimos na história literária de Cecília, o “outro” morrerá em todas as idades, em todos os anos que ele viver, até ele não ter medo desse fato inevitável, pois dessa forma possuirá a eternidade. Ele provoca a morte de seus processos inúteis, de acordo com a teoria da individuação. Por meio da internalização da morte simbólica dos seus lados camuflados, o sujeito poderá entender a vida e renascer para outras possibilidades, sem medos ou angústias divididas, tornando-se eterno e tornando-se inteiro.

Alós e Woitechumas (2002) escrevem que o duplo é uma experiência de subjetividade, a investigação incansável do eu pela completude e pela totalidade, preocupação de grande importância na obra de Cecília. É pelo reconhecimento de seu duplo, do seu eu interno que o homem pode reconhecer-se como sujeito e em ambos os poemas, a necessidade de entender a si mesma é ponderada, possibilitando ao leitor a reflexão existencial pretendida por Cecília.

## **5 Considerações finais**

A literatura é uma expressão da realidade, uma forma de identificar e esclarecer ficcionalmente a vida humana em todas as suas situações. Ela traz subsídios analíticos através da declaração de conflitos e do interesse psicológicos sobre a interioridade do indivíduo. Essa tarefa criativa exige do sensível escritor uma percepção apurada e crítica acerca do mundo e, elaborar conscientemente essas abordagens em um contexto literário

demanda técnica e perícia. Cecília Meireles detinha essas qualidades, como pudemos atestar em sua produção. Pudemos verificar que todos os recursos literários utilizados por Cecília não se prestam apenas para os leitores, mas também para a poetisa, que usou os símbolos para um caminho de construção pessoal de si mesma, dos lados consciente e inconsciente da sua vida. Ela nos faz refletir sobre nossa própria essência.

Jung (2000) afirma que devemos sempre contar com a existência de algum traço de caráter ainda não descoberto de nós mesmos, ainda que conscientes do processo de individuação. Sempre haverá possibilidades de aperfeiçoamento desses pontos, já que o inconsciente aponta para trás, em direção a um mundo de instinto pré-consciente e pré-histórico e também antecipa um futuro, devido a sua capacidade de trazer à baila entendimentos que ainda não possuíamos, libertando-nos de padrões repetitivos. Franz (1964) diz que a consciência deve ser capaz de ouvir atentamente o que o inconsciente tem a dizer, e de entregar-se ao impulso interior de crescimento, libertando-se de situações emocionais negativas que estão camufladas em nosso interior e assumindo outra perspectiva de vida.

Para acessarmos plenamente a duplicidade psicológica, devemos, conforme Jung (2000), conhecer os símbolos. Pois aí é que se dá toda a união dos conteúdos conscientes e inconscientes, e dessa completude surgirão os novos estados de consciência. O simbolismo do duplo é uma das maneiras de entender as dificuldades do lado inconsciente, auxiliando o indivíduo a entender e a aceitar a sua identidade de forma completa, reconciliando todas as ambiguidades. O sujeito deve morrer para a vida anterior e encontrar a si mesmo em uma nova vida modificada, transformar-se em um ser pleno em suas opiniões e seus sentimentos. A natureza das obras de Cecília Meireles expõem por meio de metáforas as nossas condições de ser humano, efêmeros, porém eternos.

## Referências

- ALÓS, Anselmo Peres; WHITECHUMAS, Regis Medeiros. Quando Cecília se completa: a sombra, o reflexo e a busca transcendental da unidade subjetiva. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de. (Org.). *Cecília Meireles e Murilo Mendes*. Porto Alegre: Uniprom, 2002. p. 144-149.
- BRAVO, Nicole Fernandez. Duplo. In: BRUNEL, Pierre. (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 261- 287.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- FRANZ, Marie-Louise Von. O processo de individuação. In: JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- JUNG, Carl Gustav. *Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- JUNG, Carl Gustav. *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1987.

- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MEIRELES, Cecília. *Cânticos: oferenda*. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1990.
- MEIRELES, Cecília. *Viagem: poesia - 1929-1937*. Lisboa: Ed. Império, 1939.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Oriente e ocidente: na poesia de Cecília Meireles*. Porto Alegre: Libretos, 2006.
- NASCIMENTO, Rubem de Oliveira. Uma perspectiva psicológica do duplo na literatura de Jorge Luis Borges. In: *Revista Interdisciplinar de Estudos Ibéricos*, [s.d]. Disponível em: <http://www.estudosibericos.com/arquivos/iberica9/borgesnascimento.pdf>. Acesso em: 23. Ago. 2010.
- RANK, Otto. *O duplo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Coed; Basílica, 1939.
- ROSSET, Clément. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

